

Saldo comercial foi de US\$ 39 milhões

Superávit do Brasil no ano atinge US\$ 1,2 bi. Tápias quer parcerias entre empresas

José Luiz da Conceição/8-5-2000

• BRASÍLIA e SÃO PAULO. A balança comercial brasileira registrou um saldo de US\$ 39 milhões na terceira semana de agosto. No mês, o acumulado chega a US\$ 309 milhões, até agora o segundo melhor resultado do ano. Mas o comércio do Brasil com o exterior nos oito primeiros meses está superavitário em US\$ 1,248 bilhão, menos da metade do acertado entre o Governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional (FMI) para 2000, de US\$ 2,8 bilhões.

Manufaturados respondem por 53% das exportações

O resultado continua distorcido pela devolução, na segunda semana deste mês, de duas aeronaves da Vasp, no valor de US\$ 210 milhões, o que é considerado reexportação. Como o fato não se repetiu na semana passada, a média diária de exportações mostrou queda em relação à anterior, de US\$ 293,6 milhões para US\$ 230,4 milhões. Mesmo assim, agosto vem registrando a melhor média diária de exportação, de US\$ 253,5 milhões.

As vendas de eletroeletrônicos, calçados e couro, derivados de petróleo e café contribuíram para o superávit da terceira semana. Produtos manufaturados ainda são o principal item da pauta (cerca de 53% do total), seguidos por produtos básicos (26,2%). Comparado com agosto de 1999, houve crescimento nas vendas de 20,4% e 32,3%, respectivamente.

No caso das importações, a média caiu 6,1% em relação à semana anterior, devido à queda de gastos com combustíveis, lubrificantes e automóveis. A média diária está abaixo da maior do ano, em julho: US\$ 231,4 milhões, contra US\$ 232,6 milhões.

Em relação ao mesmo período do ano passado, o desem-



O MINISTRO TÁPIAS sugeriu associações de empresas para aumentar as exportações, como acontece no exterior

penho do comércio exterior é bem melhor. Até agosto de 1999, as importações superavam as exportações em US\$ 1,024 bilhão.

Tápias critica concentração em produtos básicos

O ministro do Desenvolvimento, Alcides Tápias, sugeriu ontem, em São Paulo, a formação de parcerias ou consórcios entre empresas para aumentar as exportações e abrir novos mercados para os produtos brasileiros.

Tápias afirmou também que os empresários têm de buscar parceiros estrangeiros e utilizar os conhecimentos destes para facilitar esse processo.

— É o que fazem nossos concorrentes internacionais. Dois ou mais países integram suas cadeias produtivas para crescerem no mercado mundial — disse Tápias, no seminário do programa São Paulo Exporta, coordenado pela Fiesp.

Na avaliação do ministro, a formação de consórcios permitiria aos empresários investimentos novos e pesados, sem endividamento alto para cada componente do grupo. Ele acrescentou que isso tornaria transparente a formação dos preços da pauta de exportação. Tápias reconheceu que um dos grandes problemas do comércio exterior do país é que as exportações estão concentradas em produtos primários, fazendo com que o Brasil tenha menos de 1% de participação no comércio mundial.

Tápias defendeu ainda a ampliação da cultura exportadora entre as empresas, já que pouco mais de 15 mil empresas mantêm atividades de comércio exterior, apesar de o país ter filiais de mais de 40 mil multinacionais.

— Apenas 50 empresas respondem por 40% de nossas exportações. É necessário aumentar a participação das pe-

quenas empresas — disse.

Também presente ao evento, o secretário-executivo da Câmara do Comércio Exterior (Camex), Roberto Giannetti da Fonseca, descartou totalmente a meta imposta pelo Governo em 1997, de atingir US\$ 100 bilhões em exportações em 2002, já que a previsão para este ano é de US\$ 56,4 bilhões.

— Acho que os US\$ 100 bilhões virão em 2003 ou 2004 — afirmou.

Giannetti disse ainda que o crescimento da economia pode fazer com que o Brasil não alcance a meta de superávit comercial estipulada pelo Governo, de US\$ 2,8 bilhões. Isso poderá acontecer, disse o secretário, porque o reaquecimento da economia tornará necessário o aumento das importações.

— Prefiro um saldo menor com crescimento do que um supersaldo comercial com o país em recessão — afirmou. ■